

ENTREVISTA


Artur de Almeida Losnak

“Nunca se contentar, lembrar que depois de um passo vem outro.”

Artur de Almeida Losnak entrou no Etapa no 5º ano do Fundamental. Ao final do Ensino Médio, entrou no ITA. Aqui ele fala do período em que estudou no Colégio Etapa, de sua participação em olimpíadas culturais e de suas dificuldades. Fala também do ITA, do mercado financeiro onde atualmente atua e comenta sobre seus planos profissionais.

JC – Quando você escolheu Engenharia?

Artur – Eu participava das olimpíadas de Matemática. Sempre gostei de Matemática, pelo desafio da matéria, por não ter que decorar, por ter grau de abstração maior. Considerei entrar no ITA como um novo desafio. Engenharia oferecia um leque de oportunidades, era um curinga, vamos dizer assim. Com a Engenharia eu tinha possibilidade de ir para outras frentes.

Além do ITA, você prestou outros vestibulares?

Prestei também Fuvest, para a Poli.

Na Poli, em que Engenharia?

Engenharia Eletrônica. No ITA entrei em Engenharia Eletrônica, depois mudei para Engenharia Mecânica-Aeronáutica.

Como você veio estudar no Colégio Etapa na 5ª série?

Minha mãe fez Farmácia e depois fez concurso para o Tribunal Regional Federal. Para isso tinha de ter diploma de Direito. Fez cursinho aqui, cursou Direito e se formou. Ela gostou do Etapa e nos trouxe, eu e minha irmã.

Você disse que fazia olimpíadas de Matemática. Desde quando?

Desde a 6ª série. Fiz Olimpíadas Paulista e Brasileira de Matemática, Paulista e Brasileira de Química e no 3º ano fiz Brasileira de Física. No total, ganhei umas 10 medalhas. Ganhei ouro na Paulista de Matemática, ganhei prata na Brasileira de Matemática, bronze na Paulista e na Brasileira de Química.

ENTREVISTA

 Carreira – Engenharia Mecânica-
 -Aeronáutica

1
ARTIGO

 Universidades paulistas lideram
 pesquisa em cosméticos no mundo

5
PARA TREINAR SEU INGLÊS

Math problem

7
CONTO

 A nota de cem mil-réis –
 Artur Azevedo

4
ENTRE PARÊNTESES

Galgo × coelho

6
ESPECIAL

 Simula Etapa: em debate, globalização
 e minorias

7

 Brasil é premiado na Olimpíada
 Internacional de Física

8
SOBRE AS PALAVRAS

Ficar a ver navios

4

Você participou da preparação especial para o ITA?

Fiz o Reforço para o ITA. Eu tinha uma base boa de Matemática e Química, mas minha dificuldade era com Física. Enquanto eu tirava 8 nos simulados de Português e Matemática, tirava 3 em Física. Nas férias de julho eu peguei as apostilas de Física dos três anos do colegial e fiz todos os exercícios de novo, para aprender detalhes, para realmente aprender mais um pouco de Física. Esse enfoque em Física foi a grande diferença. Peguei também as provas antigas do ITA, que eu fazia e lia diariamente, para guardar bem o estilo.

Como foi seu início no ITA?

Eu encarei de forma bastante tranquila. Morei no alojamento, não era uma obrigação, era mais uma comodidade. Na minha época, pagava acho que 45 reais por mês. Não pagava nem luz nem água. E tinha o refeitório, também gratuito. Acho que o grande ponto do alojamento é que, como 90% dos alunos moram lá, se você tem alguma dúvida, se tem uma prova no dia seguinte e quer correr atrás, esse acesso facilitava bastante.

Por que sua mudança de Engenharia Eletrônica para Engenharia Mecânica-Aeronáutica?

Na minha época, o ITA tinha cinco cursos: Engenharia Mecânica-Aeronáutica, Engenharia Eletrônica, Engenharia de Computação, Engenharia Aeronáutica e Engenharia Civil-Aeronáutica. Engenharia Aeroespacial foi criado em 2010. Eu não tinha consciência de qual curso fazia o quê e acabei indo para Eletrônica. Lá, vi que Eletrônica era muito específica, enquanto Mecânica tinha mais diversidade de matérias – matérias da Aeronáutica, da Eletrônica, da Computação, era um pouco de tudo. Como é um curso mais geral, quando se formam, as pessoas normalmente vão para outros setores que não necessariamente a Engenharia. Foi uma migração nesse sentido.

Quando se deu essa mudança?

O ciclo básico são dois anos. A gente pode optar no final do ciclo básico.

Quais foram as matérias nesse período básico do curso?

Uma coisa que me surpreendeu no ITA foi o nível – muito bom. Você tem um ciclo básico em que todo mundo é obrigado a fazer as mesmas matérias. Eram

oito Matemáticas, seis Físicas e duas Químicas. Havia algumas matérias opcionais, sobre humanidades e cultura brasileira. O grosso eram Matemática, Química e Física, bastante pesadas.

Você conseguiu acompanhar o ritmo?

Eu tive que dedicar um esforço maior à Física. Em Matemática o esforço foi menor pela base do Etapa. No primeiro ano não tinha muita novidade. No segundo ano ficava um pouco mais complicado, mas não era coisa do outro mundo.

No 3º ano, já na Mecânica, o que você teve de matérias?

Tive Introdução à Aeronáutica. Tive matérias de Economia. Vi a parte de Infraestruturas, que também se aproximava mais da Aeronáutica. A ênfase que a gente dava mesmo era em Controle, que se aproximava da Eletrônica e onde ficavam as matérias mais difíceis.

No ITA, além das aulas, você fez alguma outra atividade?

Eu participava da Atlética do ITA. No 4º ano fiz parte do Eife [Encontro de Integração Faculdade-Empresa]. A gente fazia uma captação de recursos para poder financiar nossa viagem para a Europa, para visitar fábricas na Alemanha e na Suíça.

Você fez estágio durante o curso?

Na Mecânica, no 5º ano, a gente estagia no segundo semestre. O primeiro é mais para começar o TCC. No segundo semestre você tem que entregar.

Qual foi o tema do seu TCC?

Era um tema de mercado financeiro. Basicamente, fazia uma análise setorial da empresa e discutia as premissas utilizadas no modelo. Era algo que eu já estava utilizando no estágio.

Você estagiou em São Paulo ou em São José dos Campos?

Em São Paulo, fazia bate e volta todo dia.

Como é seu trabalho atual?

Recebo relatórios, tomo decisões de investimento, com quem a empresa deve comprar, para quem deve vender. Cada dia é diferente e esse dinamismo me atrai bastante. Sempre surgem imprevistos e você tem que estar confortável com suas decisões.

Tem que ter maturidade para saber sair de uma opinião ruim e ter competência para acertar mais do que errar.

Você pretende voltar para a Engenharia Mecânica?

O retorno para Engenharia Mecânica não deve acontecer porque não dei nenhum passo nessa direção. Minha ideia é ir evoluindo no que estou fazendo para novos setores. Agora estou focado no segmento de *commodities*. Pretendo ter mais noção de outros setores, como elétrico e varejo.

Você busca fazer alguma especialização para isso?

Pretendo ter certificações na área. A mais valorizada para quem não veio da Economia é o CFA [Chartered Financial Analyst – certificado “padrão-ouro” no mercado financeiro]. São três provas, uma a cada ano. Em 2014 fiz uma prova, em 2015 fiz outra e agora em junho fiz a terceira. São vários certificados. Estou fazendo também o FRM [Financial Risk Manager]. Como o mercado é dinâmico, você tem sempre que estar correndo atrás, estudando. O ritmo nunca para. Tem que ter um embasamento cada vez melhor.

Em seu trabalho, qual a diferença entre você, que fez Engenharia, e profissionais que escolheram outras carreiras, como Economia?

São três grandes grupos que existem: o de Economia, o de Administração e o de Engenharia. Quem fez Engenharia procura uma base mais lógica. A gente parte mais para a ação, porque temos noção de que não estudamos na mesma proporção aquelas matérias que eles tiveram nas faculdades de humanas. No começo, o pessoal de Economia e Administração tem um *background* melhor que o nosso. Depois de dois, três anos lá, não se cobra de onde você veio, mas o que você está entregando.

Você sabe como foi o caminho dos que optaram em continuar na Engenharia?

Em termos de Engenharia, pela proximidade, a Embraer é quase nosso campus, é o mais visado. Tem gente que seguiu na Embraer, tem gente que seguiu em outros projetos. Muita gente também vai para consultoria. Eu não acompanho o mercado de Engenharia no detalhe, mas houve sim uma retração da demanda por causa da Lava Jato. Muitos projetos foram interrompidos, outros foram suspensos. Mas lembro de uma frase do meu primeiro chefe – ele

comentou que não importa o momento bom ou o momento ruim, se você gosta muito do que faz, não fique preocupado com a questão do emprego, corre atrás que uma hora ou outra você acaba achando.

Como você vê a importância do colégio em sua carreira?

O Etapa me ensinou a não ter medo de prova. Aprendi também a tomar o remédio amargo que eram as matérias de que eu não gostava muito, que tem de fazer de uma maneira ou de outra. É uma coisa que você tem que encarar. Não pode ficar só no que lhe é mais conveniente.

Em termos de matérias, o que você viu aqui que mais lhe ajudou na faculdade, no dia a dia?

Sempre gostei bastante de História, entender o que aconteceu, como as coisas surgiram. Acho que também me fez ter um olhar crítico para as coisas que vejo hoje. Às vezes a gente comenta que tal ação está barata, tal ação está cara. Por quê? Tem que ter noção de como as coisas se comportaram antes, o que as levaram para determinado ponto. Esse olhar crítico é bastante valorizado.

Que recordações você tem de seu tempo no colégio?

O que eu mais lembro do colégio é que eu particularmente não gostava das provas. Minha aula era às 7h15min, eu chegava às 6h30min, não sabia que matéria ia cair na prova. Era um grande desafio, eu tinha que aprender rápido. É uma coisa que eu aprendi: a aprender rápido. O que eu admirava bastante era a cultura daqui, a conscientização de que algo vai acontecer mais para frente. É uma coisa boa.

O que mais você quer dizer para nossos alunos?

Acho que a principal mensagem é: se entrar na faculdade é importante, você tem que justificar porque entrou numa faculdade e não em outra. Entrar passivamente é um pouco errado, você tem que ter seus motivos. Não adianta achar que se você se formar numa faculdade boa vai ter qualquer emprego e automaticamente vai tocar sua vida. Uma coisa que falaram na minha formatura foi que você tem sempre que estar incomodado. Tem sempre que correr atrás, definir metas e procurar atingi-las. Nunca se contentar, lembrar que depois de um passo vem outro. E seguir caminhando.